

## ENSAIO SOBRE OS DOIS PONTOS DE VISTA DA PSICOLOGIA: UMA CRÍTICA FILOSÓFICA

Daniel Felipe Alves\*

### Uma palavra introdutória

Falar sobre psicologia remete imediatamente a questões profundas e graves. Deparamo-nos, à queima roupa, com a questão: “O que é o homem?” Esta pergunta, que é a mais importante, como lembrou Mondin (1980), apresentou-se desde os primórdios do pensamento filosófico ocidental, sistematizado na Grécia; e o que ela tem de tão importante é um fato peculiar: o homem que a faz é ao mesmo tempo o objeto e o sujeito da inquirição.

Ao tematizar essa questão de psicologia, ao pô-la em destaque, somos colocados num círculo hermenêutico que nos lança ao objeto mesmo da *psico-logia*, a *psique* como conceito representativo do homem na sua inteireza. Em Homero, quando o homem era visto como *soma*, como corpo, a *psique* tinha um estatuto “fantasmagórico” que se “dissolvia” com a morte corporal. Ela não tinha, podemos dizer, uma realidade “substancial” (REALE, 2002; WRIGTH, 2017).

A partir de Sócrates, e do pensamento filosófico que o seguiu, a *psique* ganha um novo estatuto: passa a ser a entidade designativa do ser humano *real*, ou seja: ser homem, ao contrário dos ensinamentos que vinham desde Homero, significa ser *psique*. Ela é a sede da personalidade moral e intelectual do homem que se apegou ao corpo como uma espécie de *acidente metafísico*, interpretação essa que já apontou antes de Sócrates, com o movimento do Orfismo (REALE, 2002).

Precisamos então, a princípio, situarmo-nos, ainda que só de soslaio, em toda essa tradição de pensamento para que seja iniciado e compreendido tudo o que será dito neste ensaio. A psicologia é considerada uma ciência nova, começada de fato com Wundt, na Alemanha, nas últimas décadas do século XIX; ali, porém, era uma psicologia fisiológica e positivista, assim indicou Bergson (2014), distante do que até

---

\* Psicólogo na área clínica de abordagem Existencial-Humanista (área da psicologia que, grosso modo, se baseia no *método fenomenológico* e visa fornecer uma análise qualitativa do fenômeno psicológico). Formado pela Estácio (FATERN) de Natal no Rio Grande do Norte. Áreas de estudo e interesse acadêmico: Fenomenologia, Logoterapia, Psicologia Analítica, Epistemologia, Filosofia Clássica, Escolástica, Ontologia/Metafísica. E-mail: danielves43@gmail.com.

então se compreendia sobre o estudo da *psique*. (A *psico-logia* de antes estava atrelada à filosofia e assentada num tipo de análise qualitativa do ser humano.)

Diante disso, nós nos colocamos com Husserl numa linha de pensamento que coloca a psicologia como um ramo de conhecimento muito mais antigo, ela já estava em Platão, no contexto, até aqui esboçado, do pensamento filosófico grego (BELLO, 2019, p. 33). Devemos, portanto, entender a *psico-logia* como algo bem mais amplo que o seu começo como disciplina científica na escola da Alemanha do século XIX. Percebemos, ali, despontar um dos pontos de vista, que olha *a partir de fora*, da psicologia no trato com o humano, ponto esse que será detalhado no decorrer deste ensaio.

Indo adiante nesta breve introdução, é no cenário moderno do pensamento humano, com o advento das ciências baseadas no modelo físico-matemático e com uma psicologia que agora queria ser chamada “científica”, que surge o cisma que chamamos de *os dois pontos de vista da psicologia*. Poderíamos afirmar que aparecem duas tradições na psicologia, uma voltada à pesquisa qualitativa, outra, por sua vez, assentada no paradigma positivista de modelo eminentemente quantitativo (Ibid., p. 11-12).

Um ponto de vista tentava ver o ser humano *a partir de fora*, de uma perspectiva externa e causal, o outro buscava olhar *a partir de dentro*, mediante o que se apresentava ao sujeito de modo imediato na vivência de seus estados psíquicos. É sobre este ponto de vista que Dilthey (2002) elabora sua célebre definição de *psicologia descritiva*, contrapondo-a a uma psicologia explicativa, ainda no ano de 1894.

Para que fique clara a ideia aqui exposta, convém frisar que: toda vez que o termo *psicologia descritiva* for utilizado neste ensaio, nós fazemos referência ao tipo de psicologia que parte da interioridade da pessoa humana para estabelecer suas investigações, é esse, então, um dos pontos de vista da psicologia que será retomado como objeto de discussão ao longo de nosso percurso.

Vamos, diante disso, esboçar um ligeiro caminho desses dois modos de estudar o homem – a *psique*. Apresentaremos também os dois pontos de vista, objetos deste ensaio, com excertos da escrita de alguns autores que escolhemos como *emblemas da nossa investigação* – mostrando os resultados epistemológicos e práticos dessa situação. Tudo isso dando um leve destaque ao ponto de vista peculiar que será objeto de uma rápida crítica filosófica, a saber: o ponto de vista exterior.

Este ensaio, por fim, não almeja ser sistemático e, dizendo com Ortega y Gasset (2019, p. 24), um ensaio é “científico” sem a *prova explícita* – requer argumentação e certa liberdade de pensamento. Apesar do tom mais bibliográfico, nós nos manteremos

no âmbito de ensaio. Então, nós visamos argumentar e demonstrar um estado de coisas com relação à psicologia e suas duas vertentes, não deixando, por isso mesmo, de fazer ecoar o que acreditamos ser a melhor maneira de estudar o ser humano a partir de uma delas.

### **Os dois pontos de vista da psicologia e os seus resultados epistemológicos e práticos**

Ao longo de nossa introdução, nós deixamos entrever um cenário importante que contextualiza o estudo psicológico do ser humano em épocas recentes: a ênfase, depois que a psicologia afastou-se da filosofia que era sua “mãe” desde os filósofos gregos, no modelo de interpretação *a partir de fora*, este baseado nas *ciências empíricas* que despontavam desde o século XVII. Devemos esmiuçar melhor essa questão.

A ciência, baseada no modelo matemático, aparecia como ideal de conhecimento, visando sempre medir, e “[...] onde o cálculo ainda não é aplicável, quando ela tem de limitar-se a descrever o objeto ou a analisá-lo, procede de modo a considerar apenas o lado capaz de mais tarde tornar-se acessível à medida” (BERGSON, 2021, p. 71).

Houve, com a aplicação dos métodos experimentais ao estudo do homem, da psique, um regresso à antiga tese, digamos nós assim, de que o homem se reduz, corresponde, ao corpo, ao cérebro – ele nada mais seria senão um apanhado de matéria: átomos e moléculas (Ibid., p. 71).

Essa tradição – e forma de pensar – foi tão forte que influenciou toda uma série de filósofos e cientistas. Ora, se o homem foi reduzido ao estudo do corpo, à matéria, todas as ciências, que o estudavam, deveriam analisar o fenômeno da corporeidade mediante os pressupostos das leis mecânicas. Sobre esse estado de coisas, Mondin (1980, p. 28) clarifica: “Na época moderna, a partir de Descartes até Pavlov e Watson, vigorou o costume, também entre os filósofos, de aplicar o método experimental ao estudo da dimensão da corporeidade”. Como dito, depois dessa aplicação indiscriminada do método experimental, “[...] acabou-se por reduzir o corpo a uma coisa, a uma máquina, com leis mecânicas perfeitamente calculáveis” (p. 28).

Nesse cenário, lembrou Merleau-Ponty (2018), “[...] o corpo vivo não podia escapar às determinações que eram as únicas que faziam do objeto um objeto, e sem as quais ele não teria lugar no sistema da experiência” (p. 87). Todas essas condições epistemológicas e metodológicas acabaram por “[...] nivelar a experiência na altura da natureza física e converter o corpo vivo em uma coisa sem interior” (p. 87). Essa

conversão do corpo a uma *coisa sem interior*, citada aqui por M. M.-Ponty, é emblemática, devemos retê-la bem para compreender o que será dito daqui para frente. Tinha a psique, que desde os primórdios do pensamento grego caracterizava o homem, perdido sua realidade. Estava surgindo uma psicologia sem *psique* – sem *alma*.

Uma psicologia que estuda o homem *a partir de fora* – que o coloca como uma coisa sem interior – tende sempre a reduzi-lo a um nexos causal, ou grupo de leis, tomado sempre através de uma observação externa; o indivíduo torna-se opaco, a realidade pessoal e privada é tirada de cena – não há vivência interna (*Erlebnis*), não há *psique* no sentido próprio do termo. Daí fundamenta-se o cisma dos *dois pontos de vista da psicologia*.

O contraste dos pontos-de-vista – compreender pelo lado de dentro ou explicar pelo lado de fora – divide a psicologia em duas: É um velho problema na história do pensamento. Qualquer psicologia que explique a natureza humana a partir do exterior, através apenas do comportamento observado, com modelos explicativos baseados na fisiologia, nos experimentos de laboratório, na mecânica, na estatística sociológica etc., chegará a conclusões diversas das oriundas do segundo tipo. A psicologia que explica através da compreensão do lado interior usará procedimentos e conceitos diferentes e um ponto de partida diverso – aquele do indivíduo (HILMAN, 1993, p. 62).

Impera nesse cenário um forte preconceito de caráter filosófico por trás da ciência. Com ironia, pois a ciência do século XIX tentava “limpar-se” de todas as pressuposições filosóficas, mas estava infiltrada de positivismo. Daí o forte apelo das ciências experimentais – baseado naquilo que certo filósofo, Ortega y Gasset (2016, p. 47), chamou de terrorismo dos laboratórios – *repelia toda investigação psicológica que não se coadunava com esse ideal positivista*.

Convém lembrar, rapidamente, voltaremos a esta questão mais tarde, que, desde G. Fechner, a psicologia já tinha sido *materializada* em razão do método matemático que a partir daí começou a se estabelecer no seu cenário epistemológico e metodológico. O que ocorria nas últimas décadas do século XIX era o “imperialismo da física” (Ibid., p. 47).

Ora, diante disso tudo surge uma psicologia baseada na observação externa, segundo Bergson (2014, p. 446), com Wundt, Lotze e Ribot, por exemplo, – uma psicologia fisiológica, e de laboratório, totalmente apartada de um ponto de vista interior, de um ponto de vista *da vida como é vivida por dentro*. Assim, a psicologia, esclarece C. Jung (2013a, p. 74), era “[...] fisiológica, estabelecida completamente em

base experimental, que considerava o processo psíquico exclusivamente a partir de fora e do ponto de vista de suas manifestações fisiológicas”.

A bem da verdade, um pouco antes dessa época, existia também uma psicologia baseada, digamos assim, numa certa ideia de interioridade, num ponto de vista interior, daquilo que se apresenta nos atos vividos, mas era a psicologia dos empiristas ingleses, pautada em uma observação interior ao estilo positivista – uma psicologia “[...] associacionista de tipo inglês” (MARIAS, 2004, p. 450). Obviamente era uma *psicologia explicativa*, segundo Dilthey (2002), que se elaborava em hipóteses, distante de uma compreensão verdadeiramente interna do sujeito. Essa psicologia conduziu ao psicologismo no final do século XIX, mas é um assunto que não devemos focar. Precisamos ir adiante.

(A psicologia associacionista, para constar, fazia uma espécie de “química psíquica”, uma “química mental”, que, em última instância, também desfigurava o fenômeno humano, reduzindo-o a processos rudimentares ou elementares. Ela não *compreendia* ou descrevia os estados psíquicos como eles apresentavam-se, na linguagem de Dilthey (2002), mas tentava apenas *explicá-los*.)

Ainda sobre a questão da redução do ser humano ao fenômeno da corporeidade, na tentativa de adaptar o estudo do humano ao modelo das ciências que utilizam o cálculo, devemos mencionar uma contextualização esboçada por Rudolf Allers – numa obra clássica, em 1949 – quando fazia um estudo crítico sobre a psicanálise. Como foi lembrado acima, Fechner tinha introduzido os métodos da ciência experimental nos estudos da psicologia. E com a equivalência do corpo em relação à psique, com a correspondência estabelecida entre fatos psicológicos e fenômenos corporais, estava aberto o caminho para o paralelismo psicológico, usado por Fechner em 1852, e a psique perdia seu estatuto próprio, sendo, digamos mais uma vez, identificada, paradoxalmente, com o corpo – isso levou, a nosso ver, ao estabelecimento de uma psicologia assentada no ponto de vista exterior, que vê *a partir de fora*.

Destas fontes brotou a ideia do paralelismo psicológico, que foi usado como um princípio de explicação por Fechner em 1852 e mais tarde. A série de fenômenos corporais e mentais corre paralelamente, sem que uns influenciem os outros. A cada fenômeno mental pertence uma alteração corpórea, e a toda a alteração corpórea corresponde um fenômeno mental. Mas nunca há um fenômeno da série corpórea causado por um da série mental, nem uma mudança corpórea pode dar origem a um estado mental. Adoptando esse ponto de vista, procuraram aparentemente realizar duas coisas; a ausência de uma

relação causal entre fenômenos mentais e físicos permitia-lhes salvaguardar a existência da psicologia como uma ciência com direitos próprios, e permitia-lhes, ao mesmo tempo, serem tão fisiológicos como a moda daqueles tempos exigia, e escaparem assim à acusação de não científicos (ALLERS, 1949, p. 301-2).

Serem tão fisiológicos como a moda exigia era o paradigma que guiava a psicologia daquele tempo. Esse estado de coisas fez surgir um materialismo na psicologia porque acabou tirando do “espírito”, da psique, qualquer poder de atuação sobre a realidade material, logo a psique perdeu, também, sua existência concreta. O homem seria apenas corpo, matéria, e nada mais (Ibid., 302).

As reflexões de R. Allers, obviamente, apresentam-nos mais problemas difíceis que, por hora, devemos abster-nos de acompanhar em profundidade. Citamos esses apontamentos apenas para mostrar o emaranhado de querelas em que a psicologia do século XIX estava envolvida – o que levou, conseqüentemente, a uma metodologia que só olhava o ser humano a partir de fora.

Diz ainda Bergson nesse contexto:

[...] o primeiro movimento da ciência moderna devia consistir em pesquisar se não seria possível substituir os fenômenos do espírito por certos fenômenos que fossem seus equivalentes e que fossem mensuráveis. [...] apoderaram-se do cérebro, aferraram-se ao fato cerebral – cuja natureza na verdade não conhecem, mas sobre a qual sabem que afinal deve resultar em movimentos de moléculas e de átomos, ou seja, em fatos de ordem mecânica – e decidiram proceder como se o cerebral fosse equivalente ao mental (BERGSON, 2021, p. 71).

A psicologia, afirma Hillman, “[...] em sua ansiedade de tornar-se tão científica quanto a física, escolheu unilateralmente o “lado de fora”, de modo que a alma não mais encontra um lugar [...] no campo dedicado, pelo seu próprio nome, ao estudo da alma” (HILLMAN, 1993, p. 62).

A aplicação do método das ciências naturais ao estudo do ser humano levou aos resultados epistemológicos e práticos que discorremos até aqui. Emblematicamente, e fazendo uma breve digressão, Jaime Balmes, filósofo espanhol, já tinha percebido em 1845 que a aplicação dos pressupostos das ciências naturais ao estudo do homem era ineficaz, pois estes pressupostos e métodos – a régua e o compasso – não poderiam captar os ditames da vida interior (BALMES, 1957).

A psicologia moderna que se inicia como psicologia fisiológica, de tom positivista, logo sofre investida de todos os lados. Muitos autores, como Brentano,

Dilthey, Bergson, Husserl, James e tantos outros, começam a elaborar uma *psicologia* tão válida quanto qualquer psicologia *objetiva* praticada até então. Eles formulam, se podemos assim falar, uma psicologia *voltada para dentro*.

Brentano começara, nas últimas décadas do século XIX, ensinar uma psicologia empírica, onde empírico “[...] quer dizer descrição dos estados psíquicos” (BELLO, 2019, 157). Brentano também buscava “[...] o significado dos atos psíquicos não utilizando os esquemas da psicofísica de abordagem positivista, a exemplo daquela de Wundt [...], portanto, utilizando uma análise qualitativa [...]” (p. 19). Essa psicologia influenciou Husserl e Freud, por exemplo, além de uma série de novos psicólogos e filósofos.

A Freud – por mais que ele não tenha sido reconhecido por muitos como um psicólogo descritivo ou compreensivo, mas explicativo – coube o mérito de elaborar, como lembrou C. Jung (2013a, p. 90), uma psicologia das *conexões psíquicas*, uma psicologia da profundidade, digamos, como ela mesma foi conhecida depois.

Bergson, ainda nas suas *Aulas de psicologia e de metafísica*, em 1887-1888, já falava de uma psicologia como *ciência descritiva* (2014, p. 19), assentada no método subjetivo de observação e reflexão pela consciência (p. 15).

Dilthey, mencionado antes, em 1894 começava o seu projeto de fundamentar uma psicologia descritiva das vivências como guia das ciências do espírito. A ele cabe a famosa expressão: ““Explicamos” a natureza, “compreendemos” a vida anímica” (DILTHEY, 2002, p. 22).

A psicologia, segundo ele, deve ater-se ao fenômeno da vida anímica como ele apresenta-se, sem reduzi-lo a conceitos e hipóteses retirados das ciências naturais. A vida anímica mostra-se na interioridade mesma do sujeito; a psicologia deve, portanto, buscar a textura da conexão psíquica que já está dada como um fenômeno originário.

Adiante, e com o difundir dessas ideias pelo mundo filosófico, aparece Husserl, em 1900, com suas *Investigações lógicas*, pautada, a princípio numa psicologia descritiva que mais tarde apareceria como substituída pela ideia geral de fenomenologia (MARÍAS, 2004, p. 450). O trabalho de Husserl é um passo muito importante para o estabelecimento de uma renovação no pensamento filosófico e psicológico. Muitos autores, a partir daí, não necessariamente devedores da tradição de Husserl, mas muitas vezes com trabalhos independentes, colocaram-se a enfatizar o estatuto válido da vida pessoal e privada – daquilo que se dá nas vivências. Principia, então, um despertar na psicologia, esta entendida, agora, como uma *visão a partir de dentro*. O homem que

havia, como lembrado acima por M. M.-Ponty, perdido sua interioridade, sendo visto apenas como um objeto opaco, corpo dentre outros corpos, vai adquirindo novamente sua dimensão interior irredutível – sua *psique*.

O próprio W. James diz algo interessante sobre o estatuto dessa realidade pessoal: “[...] enquanto lidarmos com o cósmico e o geral, lidaremos apenas com os símbolos da realidade, mas logo que lidarmos com fenômenos privados e pessoais como tais, estaremos lidando com realidades no sentido mais completo do termo” (JAMES, 2017, p. 452). Sobre o que falava James senão da vida interior como é vivida na sua autenticidade?

Eis aí mais uma passagem emblemática. Vemos aqui uma virada: o “método” de olhar para a psique humana, o ser humano em sua inteireza, não deve ser derivado do modelo externo das ciências mecanizadas, mas outorgado pela realidade primária e irredutível que é a vida como ela é vivida por cada um. *O ponto de vista interior, que tenta compreender e descrever a partir da vivência consciente, começa a despontar no cenário da psicologia e da filosofia.*

O psicólogo, que antes estava alheio a si mesmo, começa a voltar-se para dentro, para o interior de sua própria vida que era, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da inquirição.

Ora, o psicólogo podia por um momento, à maneira dos cientistas, olhar seu próprio corpo através dos olhos do outro, e ver o corpo do outro, por sua vez, como uma mecânica sem interior. A contribuição das experiências alheias vinha apagar a estrutura da sua, e reciprocamente, tendo perdido contato consigo mesmo, ele se tornava cego ao comportamento do outro. Instalava-se assim em um pensamento universal que recalcava tanto sua experiência do outro como sua experiência de si mesmo. Mas enquanto psicólogo ele estava envolvido em uma tarefa que o chamava de volta a si mesmo, e não podia permanecer nesse ponto de inconsciência. Pois o físico não é o objeto do qual fala, nem o químico; ao contrário, o psicólogo *era ele mesmo*, por princípio, o fato do qual tratava (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 140-1).

Paradoxal era, assim, a situação do psicólogo. Ele deveria contentar-se, se quisesse fazer uma psicologia realmente empírica e fenomenológica, uma descrição, com este enigma: “[...] no caso da psicologia é a psique que se observa a si mesma, diretamente no sujeito e indiretamente em outra pessoa” (JUNG, 2013a, p. 96-7).

Ou seja, o psicólogo jamais poderia deixar de lado o ponto de vista interior, a partir de dentro, pois não há psicologia possível sem essa metodologia que é empírica



na sua mais pura acepção, porém sem reduções *a priori* aos postulados da ciência natural. Essa psicologia lida diretamente com o processo anímico como ele apresenta-se numa doação única e absoluta que só pode ser vivida por cada um. E quando o psicólogo não fala de si mesmo diretamente, mas tenta captar o outro que está diante dele, ele o faz porque “vive no outro”, “habita-o”, tenta “vê-lo a partir de dentro”, numa espécie de projeção de sua própria vida anímica.

Quando o psicólogo [...] reflete o psíquico no psíquico, enquadra-se decerto no âmbito da ciência natural, por empregar o método empírico e fenomenológico. Contudo, se distingue, por princípio da ciência natural, por efetuar a reconstrução (conhecimento e explicação) não em um meio de outra natureza, mas em um meio de natureza igual. A ciência natural reúne dois mundos, o físico e o psíquico. A psicologia apenas realiza isso enquanto considerada como psicofisiologia. Por princípio, porém, como psicologia “pura”, explica “o desconhecido por algo mais desconhecido ainda” (*ignotum per ignotius*), pois ela apenas pode reconstruir o processo observado recorrendo ao próprio meio de que consta o processo (JUNG. 2013a, p. 97).

E, como disse Mircea Eliade, num outro contexto de estudo, mas que se assemelha ao que aqui está posto, só podemos compreender um universo mental alheio se situarmos-nos “[...] *dentro dele*, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comanda” (2018, p. 135).

E num sentido bem geral, toda vez que o homem – ou psicólogo – põe-se a falar sobre a realidade, seja ela externa ou interna, ele está fazendo um certo tipo de psicologia descritiva e compreensiva, uma *psicologia a partir de dentro*, pois é impossível se referir ao que quer que seja sem tomar a “presença”, o modo próprio que um objeto se apresenta para ele numa visão interna, numa visão vivida, em suma, numa vivência.

Fica estabelecida aqui a irredutibilidade da psicologia como uma ciência pura e descritiva das vivências à metodologia alheia de outras ciências, pois o próprio estatuto epistemológico da psicologia recomenda que o seu objeto seja colocado na sua própria escala, visto na sua inteireza, ou seja: como ele apresenta-se na vida mesma do psicólogo e do ser humano em geral. A psicologia só faz sentido – e só capta o fenômeno humano na sua real aparição – quando não abandona o *ponto de vista interior*, o ponto de vista *a partir de dentro*.

Toda uma série de eminentes psicólogos, psiquiatras e filósofos passam, nas primeiras décadas do século XX, a reverberar esse modo peculiar de fazer psicologia. Karl Jaspers (1987, v. 1, p. 71), psiquiatra e filósofo alemão, responsável pelas

primeiras incursões de uma psicologia descritiva na psiquiatria, em sua famosa *Psicopatologia geral*, assegura que: “À fenomenologia<sup>126</sup> compete *apresentar de maneira viva, analisar em suas relações de parentesco, delimitar, distinguir [...] os estados psíquicos que os pacientes vivenciam*”. Aqui estava, então, assegurada, a psicologia a partir de dentro como método de averiguação psiquiátrica.

E mais:

Representar o que acontece realmente no paciente, suas vivências reais, como algo que lhe está na consciência, seu estado de ânimo, é o comêço [sic] do qual se devem abstrair, em primeiro lugar, os contextos, a vivência como um todo e muito mais ainda o que se acrescenta e se pensa como fundamento, as idéias teóricas. Só o que existe realmente na consciência, deve ser representado (Ibid., p. 72).

Carl Jung, psiquiatra e psicólogo criador da psicologia analítica, também fez do ponto de vista interior da psicologia um estopim para suas averiguações quando disse que utilizava um método semelhante ao de Bergson, mesmo sem ter ainda lido, na época, a obra deste autor. Jung já fala, nessa ocasião, de um *ponto de vista psicológico*, de uma *especulação subjetiva* e de um *visar e observar a partir de dentro*, estes seriam modos corretos de decifrar e entender o sofrimento humano dado na vivência de cada paciente (JUNG, 2013b).

Para exaurir a escalada de referências de autores emblemáticos da psicologia que olha para dentro, devemos lembrar Viktor Frankl (2011) que, com sua logoterapia, utilizava-se de uma psicologia descritiva como uma “[...] tentativa de descrição do modo como o ser humano entende a si próprio, [...] longe dos padrões preconcebidos de explicação [...]” (p.16). E, ao adotar esse lado da psicologia que visa a partir de dentro, Frankl queria “[...] exprimir a autocompreensão do homem em termos científicos” (p. 16).

Além desses autores, vários filósofos do século XX, esboçaram uma forma ou outra de psicologia descritiva – ou, grosso modo, fenomenologia –, uma psicologia baseada na interioridade da vivência. Dentre eles, nós queremos fazer menção a Louis Lavelle que, em sua obra *A consciência de si*<sup>127</sup>, apesar de uma elaboração mais

---

<sup>126</sup> Nessa mesma parte na obra citada há uma nota explicativa de Jaspers, onde ele assegura que toma o conceito *fenomenologia* como uma *psicologia descritiva* dos fenômenos da consciência, diferente do que mais tarde foi chamado por Husserl de “a visão da essência” ou “doutrina universal da essência”.

<sup>127</sup> Cf. LAVELLE, L. **A consciência de si**. São Paulo: É Realizações, 2014.

metafísica, fez uma análise profunda da consciência e seus estados sem recorrer a nenhum padrão de explicação senão ao que está dado na vivência interior.

Diante do exposto nos parágrafos precedentes talvez fique a impressão de que uma psicologia que olha para dentro estava de uma vez estabelecida, que o ponto de vista externo, a partir de fora, não apareceu mais na esfera do conhecimento psicológico. Não! O ponto de vista exterior ainda ressurgiu com muita força na figura dos teóricos do behaviorismo, tendo Skinner como o maior representante desse modo de pensar que, como vimos, é mais antigo do que essa renovação. Porém Skinner não demorou muito para ser suplantado, afinal sua ideia de *Para além da liberdade e da dignidade*<sup>128</sup> humana não agradou os anseios de uma psicologia que parecia estar liberta dos reducionismos dos séculos passados.

Atualmente talvez seja difícil de acreditar que o comportamento humano possa ser explicado pelo esquema de estímulo e resposta, levando à aversão ou ao reforço. Seus pressupostos e generalizações podem nos parecer ingênuos a ponto de ser ridículos (DALRYMPLE, 2017, p. 29).

Não obstante, o ponto de vista externo da psicologia ainda atua com forte adesão de psicólogos, sobretudo das áreas da psicologia relacionadas às neurociências. Esse fato reproduz em consequência uma psicologia que pega de empréstimo a linguagem das ciências neuroquímicas e neurofisiológicas e, assim, vemos uma grande ênfase na explicação a partir de fora dando destaque a processos em terceira pessoa como “neurotransmissores”, “substâncias químicas”, “regiões cerebrais” etc. Volta-se, então, a cair numa descrição puramente mecânica do ser humano – esquecendo a vivência interna –, reduzindo-o a processos cegos que são guiados, em última instância, pelas leis físico-químicas.

Obviamente, como é de se esperar, o homem comum nos seus afazeres nada sabe, na experiência vivida a cada instante, de processos em terceira pessoa que não estão dados na vivência. Quando ele procura um psicólogo, almeja entender sua vida psíquica como ela é dada na vida que ele vive. Para ele não basta explicar-lhe que alguns neurotransmissores estão “desajustados”, ou que seu problema é resultado de uma série de condicionamentos automáticos, ou que tudo que ele sofre é um “desequilíbrio químico”. Nada disso *aparece* como *fenômeno* para ele na experiência.

---

<sup>128</sup> Para mais detalhes dessa forma de pensar, nós remetemos os leitores para: SKINNER, B. F. **Para além da liberdade e da dignidade**. Lisboa: Edições 70, 2000.

Quando ele olha para dentro de si mesmo, constata um fluxo de vida interior que só pode ser entendido por ele, e, por isso, é através de sua descrição que o psicólogo pode tentar compreendê-lo.

Assim, portanto, podemos ver os limites de uma insistência na explicação a partir de fora, essa explicação não pode, nem de longe, abarcar o fluxo vivo que é experimentado por cada um na experiência imediata da vida. O psicólogo deve, junto ao filósofo que se vale de uma psicologia para entender o ser humano, estar atento a esse fluxo da maneira como ele é vivido.

Agora é momento de, mais uma vez, na tentativa de fixar as ideias aqui aventadas, aprofundarmos mais o assunto com uma crítica filosófica. Para isso tomaremos uma singela reflexão sobre os dois pontos de vista da psicologia – ou do conhecimento humano em geral – a partir do que falou C. S. Lewis numa de suas meditações. Essa reflexão é emblemática, pois C. S. Lewis não estava dentro do contexto de debate entre os psicólogos. Não obstante, ele percebeu com clareza os resultados dessa querela. Nós tomamos sua reflexão como uma crítica genuinamente filosófica.

### **Meditações de C. S. Lewis sobre os dois pontos de vista**

C. S. Lewis começa meditando *em um galpão de ferramentas* onde, na ocasião, olhava e percebia que: “[...] pela fresta acima da porta, entrava um raio. De onde eu estava, aquele feixe de luz, com partículas flutuantes de poeira, era o que mais se destacava no local” (LEWIS, 2018, p. 260).

Lewis caminhou em direção ao raio até chegar o ponto em que os seus olhos coincidiram com aquele feixe de luz. Ele então começa a ver o que está fora do galpão, o sol e as folhas verdes que se movimentam lá fora. Daí ele percebe que “Olhar na direção do raio e olhar para o raio são experiências muito diferentes” (Ibid., p. 260).

Aqui surge um *insight*, uma ideia atravessa a mente de Lewis, ele percebe que há exemplos diversos nos quais podemos constatar a diferença que há entre *olhar na direção de algo* e *olhar para algo*. O que Lewis, nesse contexto, percebeu quase espontaneamente é o que neste ensaio foi aludido como os dois pontos de vista da psicologia. Vejamos um exemplo de Lewis:

Um jovem conhece uma garota. O mundo se transforma quando ele a vê. A voz dela lhe traz à lembrança algo de que procurou se lembrar a vida toda, e dez minutos de conversa com ela são mais preciosos do

que todos os favores que as outras mulheres do mundo poderiam lhe prestar. Ele está, como se diz, “apaixonado”. Então, vem um cientista e descreve a experiência desse jovem *observando-a de fora*<sup>129</sup>. Para ele, é tudo uma questão de genes e estímulos biológicos reconhecidos. Essa é a diferença entre olhar *na direção* do impulso sexual e olhar *para* ele (Ibid., p. 260-1).

Vemos claramente que Lewis refere-se ao problema de se tentar entender determinado comportamento humano partindo do ponto de vista externo. Ora, desse modo o jovem aparecerá como um mecanismo de molas impelido por genes e processos bioquímicos na direção de uma garota com o intuito de se reproduzir de acordo com o impulso sexual da espécie humana. Eis aqui um dilema: é óbvio que, como inferiu Lewis, o jovem apaixonado não se percebe de acordo com a explicação do cientista.

Para o jovem, sua experiência vivida e pessoal é algo de significativo e inenarrável que só pode ser descrito aos poucos – a alegria do apaixonado o impede de entender um fato tão forte como o amor. E quando perguntado sobre o porquê da paixão, ele jamais dirá verdadeiramente que assim está por causa de genes ou eventos bioquímicos. O que é dado para ele na vivência não é nada desse tipo. Ele compreende-se a si mesmo como “alguém que ama uma garota”, vivendo em si mesmo tudo que isso implica, e poderá, se tiver boa capacidade de descrição interna como o filósofo, narrar detalhadamente o que é para ele estar “apaixonado”.

Lewis continua a série de exemplos sobre a diferença entre *olhar para algo* e *olhar na direção de algo* citando o matemático. Este, em sua atividade, tem a noção de estar diante de verdades atemporais – processos do pensar lógico-matemático como uma ciência pura – independentes das contingências diárias. Isso é o que aparece para ele na vivência mesma de sua situação de matemático. “Porém, se o fisiologista cerebral pudesse olhar dentro da cabeça do matemático, nada encontraria situado fora do tempo e do espaço; apenas minúsculos movimentos na massa cinzenta” (Ibid., p. 261). O fisiologista nesse caso estaria observando a partir de fora, o matemático, por sua vez, veria a partir de dentro – de sua interioridade.

E mais: “A menina chora porque a boneca quebrou, como se tivesse perdido uma amiga de verdade; já o psicólogo diz que seu instinto materno transbordou temporariamente sobre um pedaço de cera modelada e pintada” (Ibid., p. 261). *O psicólogo que olha de fora percebe algo completamente diferente comparado ao que a menina vive de dentro.*

---

<sup>129</sup> Grifo nosso.

Lewis, depois dessas primeiras e sucintas reflexões, coloca-se no cerne do problema aqui exposto. Ele lembra que nos últimos anos a tendência dominante é olhar para os fenômenos humanos a partir de fora, negligenciando o ponto de vista interior – o ponto de vista dos fenômenos como são vividos:

Pressupõe-se, sem discussão, que se quisermos a verdadeira explicação da religião, não devemos consultar religiosos, mas antropólogos; que, se quisermos a verdadeira explicação do amor sexual, não devemos consultar amantes, mas psicólogos; que, se quisermos compreender alguma “ideologia” (tal como a cavalaria medieval ou a ideia de “cavalheirismo” do século XIX), é preciso dar ouvidos não àqueles que viveram naqueles contextos, mas a sociólogos (Ibid., p. 261).

Então, continua Lewis, “Passou a ser aceita até mesmo a ideia de que a explicação externa de algo refuta ou “desmistifica”, de alguma forma, a explicação dada internamente” (Ibid., p. 262). Nesse contexto, as pessoas que concedem uma interpretação interior para alguns fenômenos são desprezadas.

Mas, e aqui se apresenta a sumidade da reflexão de Lewis, a experiência interna, tão combatida e negligenciada pelo pensamento moderno, não pode ser desprezada. Se desprezarmos todas as experiências internas em favor de uma psicologia fundamentada somente a partir de fora, logo não teremos mais nada sobre o que pensar – todo o edifício do pensamento humano perderá validade epistemológica, e isso por um fato simples de entender. *Não há conhecimento ou experiência possível sem o apelo da vivência, sem a experiência tácita que preenche a interioridade.*

Ora, todos os processos de conhecimento devem apelar à experiência interna, jamais alguém poderia saber algo sobre o mundo – sobre a realidade e afins – sem tal objeto ser dado numa experiência que é vivida a partir de dentro. Experiência implica isto: um *dentro* que se torna um *fora* – não no sentido idealista, convém lembrar. Toda compreensão é uma experiência interna, pois nunca compreendo de fora, só posso compreender algo que foi primeiro assimilado no interior, vivido por mim, que está atado ao meu ser de maneira indissociável.

Um fisiologista, por exemplo, pode estudar a dor e descobrir que ela “é” (seja lá o que *é* significa) determinado acontecimento neural. Todavia, a palavra *dor* não teria sentido algum a menos que ele tivesse pessoalmente “estado do lado de dentro” por meio do verdadeiro sofrimento. Se ele nunca tivesse olhado *na direção* da dor, simplesmente não saberia *para* o que estava olhando. O próprio objeto de suas inquirições externas só existe porque o fisiologista esteve, pelo menos uma vez, do lado de dentro (Ibid., p. 262-3).

Por causa desse fator, a psicologia que olha para dentro, na direção de algo, só pode entender o outro numa espécie de “estar dentro”, de “habitar” na vivência do outro. E, digamos, se fosse possível aparecer alguém diante de um *psicólogo interior* relatando uma experiência *sui generis*, nunca vivida por mais ninguém, tal psicólogo só poderia compreendê-lo olhando para dentro do inquiridor numa espécie de projeção, de viver o *outro em si mesmo*. Essa projeção é paradoxal, pois implica uma introjeção velada.

Aqui nós lembramos, ao falar da reflexão de Lewis, o que falou Michael Polanyi quando discorria sobre a sua teoria do conhecer tácito. Na mesma linha de Lewis, ele admite uma grande diferença entre essas duas experiências. Ele cita, como exemplo, um homem que vê um gato enquanto um neurofisiologista examina-o. O primeiro tem uma vivência interna do animal, o segundo, por sua vez, observa apenas os aspectos físico-químicos corporais, digamos assim. “Estas duas experiências têm conteúdos claramente diferentes, e essa diferença representa o núcleo viável do tradicional dualismo do corpo e da mente” (POLANYI; PROSCH, 2015, p. 62).

Voltando a Lewis (2018), podemos dizer com ele o motivo mais firme para não abandonarmos a experiência interior: “[...] só é possível sair de uma experiência entrando em outra. Deste modo, se todas as experiências internas são enganadoras, estamos sempre enganados” (p. 263).

Chegamos, assim, a uma espécie de contradição absurda. Se excluirmos a experiência interna, logo não haverá possibilidade de qualquer experiência. O conhecimento mesmo se torna impossível. Se tudo que é *dado* aparece numa interioridade, então não podemos desprezar essa mesma interioridade, fazendo isso nós estaríamos cerrando o galho da árvore sobre o qual estamos. Como disse Lewis: “Não é possível existir uma prova de que nenhuma prova importa” (Ibid., p. 264).

Mas Lewis termina com sensatez e também sabe que é preciso reconhecer as vantagens de um ponto de vista externo, de um *olhar para algo* a partir de fora. Em alguns casos esse ponto de vista complementa nossas averiguações; devemos sempre saber, segundo Lewis, qual o melhor momento de usá-lo: “Na verdade, temos que considerar cada caso individualmente. Contudo, devemos começar sem preconceito com relação a qualquer uma das perspectivas” (Ibid., p. 264).

Por fim, sobressai a questão: “Afinal, quem explica melhor o amor, o psicólogo ou o amante?”

### Concluindo...

Nós terminamos aqui este breve ensaio, primeiramente, mencionando o percurso que traçamos. Foi apontada uma série de eventos que culminaram na criação de uma psicologia fisiológica e científica, voltada exclusivamente para uma observação externa. Nessa ocasião, a própria ideia de *psique*, de interioridade, que começara quando a psicologia ainda era um ramo da filosofia que teve início na Grécia, foi abolida. O ser humano se tornou um autômato explicado e estudado estritamente pelo modelo mecânico das ciências naturais.

Diante desse cenário lúgubre, não tardou aparecer uma retomada daquele impulso interior que movera muitos dos filósofos passados. Esse impulso conduziu à psicologia da vivência, uma psicologia baseada na intimidade, naquela realidade imediata que se apresenta na experiência interior de cada um.

Aqui, mais nitidamente, aparecia o cisma entre as duas perspectivas que denominamos, junto aos outros, de pontos de vista da psicologia. Os teóricos, filósofos e psicólogos, responsáveis por esse novo cenário de interioridade na psicologia foram muitos, mas nós pontuamos apenas alguns trabalhos seminais que, como dito na introdução, tornaram-se emblemas de nossas averiguações neste ensaio.

Além disso, nós fizemos, no percurso aqui estabelecido, uma reflexão crítica-filosófica dessa situação, dando destaque às imprecisões do ponto de vista exterior que fazia do homem uma coisa sem interior. Essa crítica tomou forma na figura de C. S. Lewis, sobre a qual assentamos uma reflexão mais profunda dos dilemas de uma psicologia – ou concepção de homem – que só olha a partir de fora.

A crítica de Lewis, que tomamos e aprofundamos como uma crítica também nossa, parece ter estabelecido o que ao longo deste ensaio foi argumentado: não é possível prescindir de uma psicologia interior, que olha para dentro ou a partir da intimidade do sujeito. Esta está na base de qualquer psicologia. Não é que a psicologia externa ou do ponto de vista exterior seja impossível, mas ela só é possível se apontar para uma *psicologia primeira* que, verdadeiramente, olha para dentro, e toma o estudo do homem como uma *psico-logia* desintoxicada de todos os pressupostos comuns às ciências externas físico-matemáticas.

Partindo de uma psicologia assim estabelecida, é possível criar hipóteses, comparações e, até mesmo, leis gerais sobre os fenômenos humanos; tudo isso, é claro, sem esquecer que o ponto de partida é sempre o sujeito concreto e individual.



No mais, o que fica não é saber quem explica melhor o amor (ou qualquer outro fenômeno), se é o psicólogo ou se é o amante, mas saber que, partindo de um ponto de vista interior, partindo da descrição que faz o amante nos seus anseios, o psicólogo pode somar e integrar suas experiências e seus conceitos, extraídos de tantas outras averiguações, numa estrutura *externo-interna* que possibilitará um conhecimento sempre mais amplo do sujeito humano. Porém para isso o psicólogo deve estar atento à sua própria intimidade, naquele trabalho de tentar ver o outro a partir de si mesmo, sempre olhando para *dentro* e estabelecendo com o seu interlocutor o contato humano que só duas existências podem propiciar.

### Referências

- ALLERS, R. **Freud: estudo crítico da psicanálise**. Tradução: Eduardo Pinheiro. 2. ed. Lisboa: Livraria Tavares Martins, 1949.
- BALMES, Jaime. **O critério**. Tradução: Manoel Itabajara de Souza. São Paulo: Logos, 1957.
- BERGSON, H. **Aulas de psicologia e de metafísica**. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- BELLO, A. A. **O sentido do humano: entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia**. Tradução: Adair Aparecida Sberga, Joelma Ana Gutiérrez Espíndula. São Paulo: Paulus, 2019.
- BERGSON, H. **A energia espiritual**. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.
- DILTHEY, W. **Psicologia e compreensão**. Ideias para uma psicologia descritiva e analítica. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2002.
- DALRYMPLE, T. **Evasivas admiráveis: como a psicologia subverte a moralidade**. Tradução: Julia C. Barros. São Paulo: É Realizações, 2017.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- FRANKL, V. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Tradução: Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.
- HILLMAN, J. **Suicídio e alma**. Tradução: Sonia Maria Caiuby Labate. Petrópolis: Vozes, 1993.

- JASPERS, K. **Psicopatologia geral**: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. Vol. 1. Tradução: Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Atheneu, 1987.
- JUNG, C. **O desenvolvimento da personalidade**. Tradução: Frei Valdemar do Amaral. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- JUNG, C. **Psicogênese das doenças mentais**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. Tradução: Octavio Mendes Cajado. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- LAVELLE, L. **A consciência de si**. Tradução: Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2014.
- LEWIS, C. S. Meditação em um galpão de ferramentas. In: LEWIS, C. S. **Deus no banco dos réus**. Tradução: Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018. p. 260-264.
- MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução: R. Leal Ferreira, M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.
- MARÍAS, J. **História da filosofia**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- ORTEGA Y GASSET, J. **O que é filosofia?** Tradução: Felipe Denardi. Campinas: Vide Editorial, 2016.
- ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quixote**. Tradução: Ronald Robson. Campinas: Vide Editorial, 2019.
- POLANYI, M.; PROSCH, H. **Significar**. Tradução: Eduardo Beira. Lisboa: Inovatec Press, 2015.
- REALE, G. **Corpo, alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002.
- SKINNER, B. F. **Para além da liberdade e da dignidade**. Tradução: Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Edições 70, 2000.
- WRIGHT, N. T. **A ressurreição do filho de Deus**. Tradução: Eliel Vieira. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.